



Newton Cannito

Inovação no audiovisual

Por Hermes Leal

Inovação tecnológica para o audiovisual, convergência, maior valorização e programas para conteúdo e maior aproximação do cinema com a televisão, interação entre todos os meios audiovisuais, são as principais propostas do Secretário do Audiovisual, Newton Cannito. Roteirista e diretor de cinema e televisão, Newton Cannito é o mais jovem secretário a assumir a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, órgão máximo da política audiovisual do país. Mestre e doutor em Cinema e Vídeo pela ECA/USP e especialista em Gestão Pública pela mesma instituição, Cannito assumiu a SAV em junho de 2010 com a missão de fechar o governo Lula levando novas ideias e programas para a pasta. Newton Cannito foi um dos criadores e é roteirista-chefe da série de TV "9mm: São Paulo", a série "Cidade dos Homens". Para o cinema escreveu os longas "Quanto Vale ou É por Quilo?", "O Mistério da estrada de Sintra" e "Bróder", dirigido por Jeferson De. Publicou o livro de crônicas "Confissões de Acompanhantes", outro de contos, "Novos Monstros", e é também autor dos livros "A Televisão na Era Digital" e "Manual do Roteiro", entre outras publicações.

Nesta entrevista, o secretário fala da sua relação com o CBC, afirma que dará um gás à revolução digital, à convergência tecnológica e à parte que toca ao conteúdo, com mais programas sobre desenvolvimento de projetos audiovisuais – cinema, televisão, vídeo, animação, videoclipe, programas publicitários e vídeos feitos para a internet.

“Quero colaborar para mudar alguns conceitos. Trabalhar para superar efetivamente a falsa dicotomia entre cinema comercial e autoral – afinal, muitos dos filmes comerciais são filmes de autores. Quero também favorecer o autor independente”

Revista de CINEMA – Você participou da retomada do CBC em 2000? Como foi essa participação?

Newton Cannito – Em 2000, eu estudava Cinema e Vídeo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A retomada do CBC foi um período de iniciação política para mim e meus colegas, um momento especial: ainda na faculdade, estávamos militando ao lado de grandes quadros do cinema brasileiro, como Gibas Assis Brasil e Luiz Carlos Barreto. Na ocasião, lançamos uma edição especial da revista Sinopse – eu, Leandro Saraiva, Alfredo Manevy (atual secretário de Políticas Culturais do MinC), Manoel Rangel (hoje diretor da Ancine). Foi uma grande oportunidade que tivemos de militar com grandes nomes do cinema brasileiro. Foi um movimento que marcou nada menos que a criação da Ancine.

Revista de CINEMA – Que expectativas têm com relação ao 8º CBC, que completará dez anos de retomada?

NC – Minha expectativa é que se consiga retomar e fortalecer a aliança entre todos os setores do cinema – distribuidores, produtores e cineastas. Com essa aliança refeita, dar grandes passos na direção de conciliar os interesses de todos. O 8º CBC pode nos ajudar a dar um grande salto. Para isso, cada setor precisa ter generosidade para a conciliação.

Revista de CINEMA – Como você vê as mudanças ocorridas no audiovisual depois da existência do CBC? Quais outras conquistas a entidade conseguiu além da criação da Ancine?

NC – Além de contribuir para a fundação da Ancine, o CBC foi fundamental para a PL29, para o circuito de exibição do cinema alternativo, entre outras conquistas. Espero agora que contribua para dar o novo salto necessário.

Revista de CINEMA – Quais setores da indústria do audiovisual – que se concentram no CBC em cerca de 50 entidades – você acha que merecem maior atenção atualmente?

NC – Temos que nos preocupar com todos os setores – cada um deles é fundamental, estão todos interligados: infraestrutura, formação técnica, desenvolvimento e distribuição. Nossa preocupação é com o desenvolvimento em geral, por isso todos os setores precisam ser focados.

Revista de CINEMA – Do que trata o Fundo de Inovação Audiovisual? Quais setores do audiovisual ele atende?

NC – A nova Lei de Fomento que está tramitando no Congresso prevê a criação de fundos setoriais para contemplar cada setor do campo das artes. No caso do setor audiovisual, esse fundo é o Fundo de Inovação Audiovisual, que, como o próprio nome diz, dedica-se a criar condições para o surgimento de conteúdos inovadores. Todos os fundos setoriais visam preencher lacunas que não são suficientemente contempladas pela antiga Lei de Incentivo, como investimento em infraestrutura, formação e desenvolvimento.

Vários setores do audiovisual serão atendidos. Acredito que a inovação vem da mistura e que um Fundo de Inovação precisa ter estraté-



Newton Cannito (terceiro da esquerda pra direita), em 2000, durante as comemorações do 3º CBC

gias inovadoras para o fomento. O Fundo está ligado a várias ações que a Secretaria já vem fazendo – pesquisa, produção de conteúdo, difusão –; o que pretendemos é incentivar projetos que vinculam bem todas essas ações no mesmo projeto. Queremos incentivar a mistura também de tipo de conteúdo, no sentido de o cinema interagir com outras áreas, como, por exemplo, moda, música e teatro, aproximar o audiovisual desses outros conteúdos artísticos, sempre buscando a química que gera a inovação.

Revista de CINEMA – Qual a necessidade de implantação desse programa? E como ele será implantado, através de editais?

NC – Sim, haverá editais. Além disso, vamos discutir com o setor e com o conselho novas formas de financiamento, com políticas mais sistêmicas. A política praticada atualmente financia os projetos, mas não o processo. Temos que aprender a financiar processos. Fazendo uma comparação com o futebol, seria como se financiássemos o jogo, mas não o time. Precisamos aprender a financiar o time. Criar modelos que financiem o processo de difusão, o caminho do processo completo antes de financiar apenas o produto. Como disse, o processo de financiamento precisa também ser inovado.

Revista de CINEMA – Além desse projeto do Fundo de Inovação Audiovisual, que outros programas você pretende implantar até o final do ano?

NC – O Fundo de “I Audiovisual” concentrará políticas inovadoras, mas vamos trabalhar na manutenção e constante aperfeiçoamento de uma série de políticas inovadoras que já estão sendo praticadas. Teremos uma nova edição do DOCTV; daremos continuidade a políticas de animação com a TV Brasil; teremos o BR Games; estamos batalhando para realizar o FICTV 2. São todos projetos inovadores que já vinham sendo executados com sucesso, e sua manutenção é fundamental e indispensável.

“Vivemos com medo de “copiar” os americanos. A música brasileira superou isso com o Tropicalismo. Precisamos ter o mesmo choque em nosso cinema. É preciso conciliar o cinema autoral com o cinema de gênero. O gênero estabelece um contrato do filme com o público”

Revista de CINEMA – Desde a chamada retomada já se passaram mais de 15 anos que o cinema brasileiro encontrou solução para a produção. Tem dinheiro para todo tipo de filme. Mas porque o setor de distribuição não avançou? A que isso se deve?

NC – Precisamos urgentemente pensar e articular políticas que aproximem a produção da distribuição. E quando falamos em distribuição, deve-se pensar tanto na sala de cinema quanto nas locadoras e nas mídias digitais. Temos dificuldade de pensar políticas de incentivo à distribuição, pois ainda estamos presos à lógica de financiar apenas a produção e apenas o produto unitário. Para fazer políticas de distribuição, temos que aprender a financiar empresas.

Revista de CINEMA – O que a SAV pode fazer nesse sentido, de reverter esse quadro da distribuição do nosso audiovisual? A revolução digital pode trazer alguma mudança nesse aspecto?

NC – Sem dúvida, a revolução digital traz mudanças e benefícios nesse sentido. É preciso entender que há vários modelos de distribuição para o audiovisual. Estamos hoje presos a um modelo único – o modelo do blockbuster. Temos que pensar em modelos alternativos de distribuição que contemplem os filmes autorais e filmes médios. Essas políticas, em muitos casos, são políticas de distribuição que se associam a mídias digitais, valendo-se de estratégias transmidiáticas. É importante incentivar o surgimento de distribuidoras e aproximá-las das pequenas e médias agências de publicidade, muitas atuantes em mídias alternativas, como a internet, a performance de rua, etc.... É da mistura entre esses dois conhecimentos que surgirão empresas que saberão promover e distribuir nossos filmes em espaços alternativos e para públicos ainda não atingidos. Temos um vasto mercado a ser conquistado.

Revista de CINEMA – Por que, na sua opinião, não temos o hábito de fazer cinema de gênero no Brasil? De onde vem isso e por que continua a existir?

NC – Existe, em nosso país, uma grande dificuldade com a ideia de trabalhar com gêneros no cinema. Isso se deve a um preconceito antigo, que precisa ser superado. A Teoria do Autor, de Glauber Rocha, fazia oposição entre gênero e autoria. Na minha opinião, essa oposição não existe. Mesmo a Teoria de Autor francesa não fazia essa distinção. Essa dificuldade em trabalhar com os gêneros tem restringido nossa natural criatividade e nossa capacidade de diálogo com o público. Vivemos com medo de “copiar” os americanos. A música brasileira superou isso com o Tropicalismo. Precisamos ter o mesmo choque em nosso cinema. É preciso conciliar o cinema autoral com o cinema de gênero. O gênero estabelece um contrato do filme com o público. No Brasil fazemos, majoritariamente, comédia romântica e drama social. E um pouco de infantil. Para quem faz apenas três gêneros, temos conquistado uma ótima fatia do mercado. Mas se quisermos crescer mais precisamos diversificar nossa atuação por outros gêneros, que atingem outros segmentos de público. Fazemos muito poucos filmes de outros gêneros – como, por exemplo, filmes de terror e ficção científica. Temos um vasto mercado e universo criativo a serem explorados.

Revista de CINEMA – Além de roteirista e diretor, você tem estudos profundos na área da televisão, uma tese de doutorado na USP, é autor do livro sobre televisão, “A televisão na era digital”. Em que isso pode te ajudar no cargo de Secretário do Audiovisual?

NC – Sempre gostei de misturar reflexão e prática. Acredito que essa atuação enriquece ambos os pro-

“Queremos incentivar a mistura também de tipo de conteúdo, no sentido de o cinema interagir com outras áreas, como, por exemplo, moda, música e teatro, aproximar o audiovisual desses outros conteúdos artísticos, sempre buscando a química que gera a inovação”

cessos; a teoria enriquece a prática e vice-versa. A prática me permite uma experiência de mercado, da qual procuro ter o distanciamento necessário na hora de fazer análises teóricas. Nessa bagagem, acumulo o conhecimento de carências e demandas do setor, seja por ter refletido sobre suas peculiaridades, seja por tê-las percebido na prática como profissional da área. Isso me auxilia a planejar ações com embasamento, dentro do que eu entendo que precise realmente ser aprimorado ou transformado.

Revista de CINEMA – Você acha que está surgindo uma geração diferente de realizadores, que “não joga mais pedra na televisão”, mas procura dialogar com os canais e abrir espaço para suas produções?

NC – Sim, acredito que esteja havendo essa transformação. Se quisermos que realmente aconteça a parceria entre emissoras e produtoras, onde estão os realizadores, é necessário pensar também do ponto de vista das emissoras e dialogar com elas para conhecer suas demandas. Esse é um jogo em que todos os agentes precisam estar de acordo, e acredito que recentemente isso vem sendo reconhecido pelas produtoras e emissoras de televisão.

Revista de CINEMA – Como você vê a internacionalização do nosso cinema? Como andam os projetos da área internacional, como o Programa Cinema do Brasil e o Brazilian TV Producers (BTVP)? Tem mais alguma novidade nessa área?

NC – A internacionalização não só do Cinema, como do Audiovisual como um todo, é muito importante para o desenvolvimento do setor. Os negócios, as trocas e o intercâmbio de experiências têm amadurecido a nossa produção, que tem sido bem aceita fora do Brasil. É disso que tratam os Programas: preparar os produtores brasileiros para atuar no cenário internacional, por meio de vendas e coproduções. Além de ser apoiador, em parceria com a APEX, de ambos os projetos, a SAV tem um importante papel na área da política internacional do audiovisual. Participamos ativamente de fóruns específicos do audiovisual, como a Reunião Especializada de Autoridades Audiovisuais e Cinematográficas do MERCOSUL – RECAM e a Conferência de Autoridades Audiovisuais e Cinematográficas da Ibero-América – CACI. Neste semestre, aliás, a Presidência Pro-Tempore do bloco do Cone Sul cabe ao Brasil, e o audiovisual, por meio da RECAM, será um dos eixos pelos quais se trabalhará a dimensão cultural do processo de integração do MERCOSUL.

Retomando a questão dos projetos setoriais de exportação, desde 2009 a SAV vem focando seu trabalho junto às entidades parceiras na capacitação de produtores e realizadores para atu-

arem no mercado internacional. No ano passado foram realizados dois programas internacionais de capacitação pelo BTVP, um para animação e outro para documentário. Este ano o programa vai focar em novos formatos para TV. O (Programa) Cinema do Brasil também realizou um programa de capacitação para produtores de cinema. Já nos fóruns formais nos quais a SAV atua politicamente, desenvolvemos o DOCTV IB no âmbito da CACI, e também o DOCTV CPLP no âmbito da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP. A SAV também apoia a participação de brasileiros em eventos internacionais por meio do programa de concessão de passagens e na realização de alguns festivais brasileiros no exterior.

Uma novidade que lançamos e que apostamos que possa vir a ser um bom modelo é o exemplo de uma produção compartilhada entre Brasil e Cuba que está sendo realizada por intermédio de um Protocolo de Cooperação Técnica assinado por ambos os países. O instituto cubano de cinema e audiovisual ICAIC e a SAV, por meio do CTAV (Centro Técnico Audiovisual), vêm desenvolvendo um projeto de série de animação chamado Histórias do Coração, cujo primeiro episódio é o filme “O Caminho das Gaivotas”. Não é um projeto de produção. A ideia foi investir no processo criativo e nos processos de criação; o produto é mero resultado. Isso nos levou a pensar no apoio de coletivos criativos aqui no Brasil. As equipes cubana e brasileira podem ser consideradas um exemplo de coletivo criativo bilateral. O projeto fomenta o conceito, a pesquisa, o desenvolvimento, o produto e sua difusão. É uma ideia bem arrojada e que pode dar muito certo. Temos também uma parceria com o National Film Board do Canadá para desenvolvimento criativo de um projeto multiplataforma que deverá avançar significativamente nos próximos meses.

Revista de CINEMA – Como está vendo a área da infraestrutura? Tem algum plano para esse setor, que cobra quebra de barreiras na importação de material e apoio para que a indústria do audiovisual internacional venha filmar no Brasil?

NC – Essas são ações fundamentais a serem implantadas. Vamos dialogar com a Ancine e com outros setores do governo para pensar em soluções viáveis. A Ancine já vem dialogando com outros Ministérios, principalmente o MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) e o Ministério da Fazenda. Além disso, no início deste ano o Grupo Interministerial coordenado pelo MRE (Ministério das Relações Exteriores) e pelo MinC para elaborar uma proposta de fortalecimento e regulamentação das atividades dos Escritórios de Apoio à Produção Audiovisual (film commissions), produziu um relatório final com várias recomendações para esse tema, como regulamentar as atividades das film commissions domiciliadas no Brasil, propor mecanismos de certificação dessas film commissions e realizar estudos específicos com vistas à adoção de medidas voltadas ao fortalecimento e ao aumento da competitividade das film commissions brasileiras, dentre outras medidas sugeridas. Creio também que uma boa interlocução com os escritórios de apoio já constituídos, para levantamento dos tipos de serviços procurados pelas produtoras e para a análise do perfil desse cliente e do serviço demandado, e com o Programa FilmBrazil, que fez um bom trabalho de promoção dos serviços audiovisuais brasileiros nas feiras da AFCI (Association of Film Commissioners International), é muito importante.



Newton Cannito, já como Secretário do Audiovisual, com a equipe do filme “Bröder”, (do qual é roteirista) durante o último Festival de Cinema de Gramado